

Fernando Pessoa em análise

Leitura psicanalítica da obra pessoana

Manuela Fleming¹

*...gosto de palavrar. As palavras são
para mim corpos tocáveis, sereias
visíveis, sensualidades incorporadas...
transmudou-se-me o desejo para
aquilo que em mim cria ritmos verbais
E assim muitas vezes escrevo...deixando
que as palavras me façam festas, criança
menina, ao colo delas*

Fernando Pessoa - Livro do Desassossego

Resumo: A autora começa por apresentar a obra pessoana como uma matriz generativa de sentidos. Faz, em seguida, uma abordagem psicanalítica da obra de Fernando Pessoa, propondo uma interpretação para a heteronímia enquanto defesa contra o risco de desintegração psicótica e enquanto estratégia de reparação subjectal narcísica. Propõe também o poema “Passagem das horas” como chave que abre para a compreensão da infinita capacidade de metaforizar e de simbolizar os sentimentos e as emoções humanas.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; heteronímia; psicose; narcisismo; poema “Passagem das Horas”.

Introdução

No início de julho de 2012, Jerónimo Pizarro, um dos mais notáveis investigadores pessoanos, dizia em uma entrevista concedida a Carlos Vaz Marques o seguinte: “metade dos papeis de Pessoa continua por descodificar, o que pode provocar autênticas reviravoltas no conhecimento que hoje temos sobre o poeta dos heterónimos”. Dizia ainda que: “o espólio inédito de Pessoa é sinónimo de trabalho para cinco ou mais

¹ Psicanalista didata da Sociedade Portuguesa de Psicanálise e Professora Catedrática de Psicologia no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS) da Universidade do Porto, Portugal.

décadas”. Na verdade, 70% da poesia em inglês ainda estarão inéditos e, em português, 500 poemas ou mais, não datados, ainda não estão publicados!

Ao preparar-me para esta tarefa - tentar uma leitura psicanalítica da obra pessoana - e ao deparar-me com centenas de livros e artigos publicados por jovens investigadores estrangeiros, constatei que a obra do poeta tem sido objeto de estudo de um vastíssimo leque de disciplinas do campo das Ciências Humanas, mas que, estranhamente, não tem despertado o interesse da Psicanálise.

Recentemente, soube que, em colóquios sobre Pessoa, ocorridos um na Holanda e outro em Leipzig, eram mais os oradores estrangeiros do que portugueses...e eram sobretudo jovens, na faixa etária dos 30 anos. Pessoa tornou-se um escritor do mundo e a sua obra continua e continuará a fascinar e a ser estudada. Transformou-se em uma fonte de onde jorram ideias, a partir das quais se constrói e se desconstrói, se transcreve e se reescreve aquilo que Pessoa escreveu.

Todo este movimento em um universo em expansão, uma matriz generativa. Como refere, J. Pizarro, “Pessoa até parece que estava a brincar com a posteridade. Parecia estar já a imaginar que ia criar este desassossego todo em que estamos e vamos continuar a estar por muito tempo”. Pizarro (2012, p.30)

Um desassossego bom e estimulante. Na minha opinião, Fernando Pessoa trouxe-nos o infinito e continua a desassossegá-nos, a nós psicanalistas muito em especial, porque também nós temos a pretensão de conhecer, explicar a alma humana com o objetivo último de a aliviar das suas penas...

O mesmo desassossego que, na minha leitura, se apoderou da sua alma, puxando e rasgando o tecido mental em duas partes opostas e em conflito:

- Uma parte de si, que apela constantemente ao sono, que quer dormir para não pensar, o “Esteves sem metafísica” ou aquela parte dele que escreve: “a grande saúde está em não perceber coisa nenhuma”, ou ainda “não querer compreender, não analisar... a sabedoria é isto”. (Pessoa (2011/1982, p.254)
- Outra parte de si, que não pára de pensar, de se interrogar, que compulsivamente se observa, se autoanalisa e se mostra perplexo perante a sua própria criação heteronímica.

Não pude ficar indiferente à sua angústia, quando, através da voz de Bernardo Soares, (todas as citações são do Pessoa (2011/1982, p.222) lança o lamento:

*Meu Deus, meu Deus, a quem assisto
Como se explica isto, a quem me substituí dentro de mim*

*A que assisto quando me leio como a um estranho
Ou ainda (a citação que mais me interroga):
O que é este intervalo que há entre mim e mim?*

Como psicanalista, e como investigadora da questão da dor mental (Fleming, 2003), pergunto: O *mim* que sente e o *mim* que sabe que sente, o *mim* que pensa, mas que assiste atemorizado, ou até, talvez, aterrorizado perante uma “dor sem nome” (Fleming, 2003), procurando escapatórias para uma dor mental insuportável?

Como leitora primeiro e psicanalista depois, a mesma perplexidade me acompanha ao revisitar agora e de novo a obra pessoana e o que sobre ela se continua a produzir.

Com este trabalho, pretendo lançar luz sobre o enigma e contribuir para o debate de ideias que, entretanto, se iniciou em torno da figura de Fernando Pessoa, trazendo a especificidade da abordagem psicanalítica.

Leitura e reflexão psicanalítica

Sobre o Método

Na carta que escreve a João Gaspar Simões, datada de 11/12/1931, Fernando Pessoa, embora visse na psicanálise freudiana um método utilíssimo pela descoberta do inconsciente, também criticou a psicanálise e passo a citar, por se tratar de um método “imperfeito porque não dispõe da chave definitiva da compreensão universal da alma humana”.

Assim é: a psicanálise não dispõe desse método perfeito (quanto a mim uma ideia utópica) e ainda bem!

Mas os psicanalistas vão beber de todas as fontes que permitam alargar a compreensão do funcionamento mental: vão beber da arte e sobretudo dos poetas e dos escritores porque os artistas são nossos antecessores, precederam Freud no desvelamento do inconsciente.

Ouso dizer que, no processo criativo de Fernando Pessoa, se revela a mesma dialética do método psicanalítico. Passo a ilustrar esta ideia, apoiando-me na forma como Pessoa lidou com a sua fobia das trovoadas, quando compõe o poema “Abdicação”, permitindo-me lê-lo e interpretá-lo à minha maneira.

Invadido por uma grande perturbação emocional, por um medo atroz de uma trovoada nos céus de Lisboa, Fernando Pessoa corre para casa onde se refugia e escreve: *Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços/E chama-me teu filho...*

Poderíamos dizer que o poeta transforma a emoção dolorosa sentida, em uma criação poética. Escreve o soneto “Abdicação”, onde simbolicamente podemos ver, na casa e na “noite eterna”, a figura de uma mãe calma, acolhedora e apaziguadora da tempestade emocional.

É na invasão do real no simbólico que se engendra o ato poético e acontece o gozo falante, refere o psicanalista Santos Jorge (2005). Na minha perspectiva, é também na invasão do real no simbólico que se engendra o sintoma psicopatológico e é pela procura do seu simbolismo que o psicanalista procede, interpretando, no sentido de apaziguar a tempestade emocional contida e expressa através do sintoma trazido pelo paciente.

Fernando Pessoa também considerou a psicanálise como um método utilíssimo porque identificou nesse método o mecanismo da translação de certos elementos psíquicos mediante processos de deslocamento, metonímia e condensação. Sem o designar, Pessoa identifica aí os tropos maiores da gramática interpretativa do inconsciente.

Sobre a heteronímia

A questão da heteronímia é, sem dúvida, o grande enigma, a questão nuclear que se tem colocado como um desafio aos intelectuais e investigadores da obra pessoana. Dois psicanalistas portugueses, Celeste Malpique (2007) e Santos Jorge (2005), este da escola Lacaniana, lançaram uma luz edificante sobre o enigma, trazendo contribuições que irei discutir.

Santos Jorge colocou uma hipótese psicanalítica interessante: a de que, na base da heteronímia, se encontra uma decomposição espectral do eu mediante regressão, sendo então e passo a citá-lo “o quaternário heteronímico pessoano a última tentativa de tomar assento no conforto do núcleo (base peduncular) do eu”.

Vejo aqui a formulação de uma hipótese: a heteronímia serviria como uma defesa contra o risco duma fragmentação psicótica, uma escapatória à psicose, ou seja, servindo-me do texto de Santos Jorge, “o compromisso ficcional funcionaria como um objeto defensivo contra a desintegração do eu” e “a escrita ter-lhe-ia servido de elo recuperador dos outros três elos do nó borromeano (real, simbólico, imaginário) em dificuldade, com o objectivo de remediar a consistência subjetiva do escritor, em iminência de desordem psíquica maior”.

Na cena da escrita-vida, ou do “drama-em-gente”, a escrita de Pessoa funcionaria como defesa (contra a sensualidade da vida? pergunto) e o Duplo, enquanto figura literária, é o eu como simulacro.

O Duplo testemunha a clivagem, testemunha sempre de um avatar... uma “alma penada”?

A identificação do Duplo reenvia ao estágio de desenvolvimento psicológico em que o objeto e o eu não são ainda diferenciados, em que o mundo exterior é desconhecido e aí, o escopo de observação psicanalítica é o campo do Narcisismo referente ao Estado de Espelho. É de se admitir, portanto, que os heterônimos possam funcionar como táticas personificadas de reparação subjetal narcísica em uma estratégia de resolução de conflitos subjacentes.

Neste contexto, a alma, conceito tão caro a Fernando Pessoa e onipresente na literatura, seria um duplo constitutivo do humano, mesmo se heterogêneo, ou heteronímico, em suma “um energético desmentido da morte”, como diz o psicanalista Otto Rank.

Pelos interstícios, esgueiram-se os duplos, esboços arcaicos do eu primitivo, nunca integrados no eu “definitivo”, mas largados no cenário da escrita-vida.

Os duplos, fantasmas ou avantesmas, entram na arena da existência e corporizam-se em figuras permanentes providas de nome (Alexander, Álvaro, Alberto, Ricardo, para não citar todos os nomes dos 127 heterônimos recenseados por Cavalcanti Filho (2012)) e de biografia pessoal.

Estou em consonância com a hipótese formulada por Santos Jorge, no ponto em que ele situa a falha ou a fissura em uma idade muito precoce, em uma fase anterior à triangulação edipiana.

Dar-lhe-ia, no entanto, uma formulação diferente mais de acordo com a psicanálise pós-freudiana, ancorada no pensamento de M.Klein e W. Bion e inspirada na contribuição de Celeste Malpique (2007).

Por outras palavras, ou seja, nas minhas palavras, a minha contribuição para o debate de ideias é a seguinte:

Na fissura precoce, provavelmente causada pela insuficiência ou frustração sentida na relação com os primeiros objetos de amor, a personalidade, a braços com os conflitos da posição esquizo-paranoide, ter-se-á organizado em modo esquizoide como forma de fazer face à eminência da fragmentação psicótica do eu, significando uma desesperada defesa contra o vácuo que Fernando Pessoa sentiria em si próprio e à sua volta. Proponho esta formulação interpretativa como confluência dos rios interpretativos que, como psicanalista, me autorizo a formular.

Na minha leitura da obra pessoana, entendo que Fernando Pessoa nos revela um dos segredos da sua heteronímia no poema “Passagem das Horas”. Aí escreve:

*Multipliquei-me para me sentir
Para me sentir, precisei sentir tudo
Transbordei, não fiz senão extravasar-me*

Ao transbordar e ao querer sentir tudo, Pessoa cresce em consciência de si mesmo, cresce em capacidade de metaforizar e de pôr em palavras o que sente, cresce em querer saber e simbolizar e, por essa via, previne o adoecer mental.

Fernando Pessoa não quer ser psicanalisado, mas tem, se me permitem esta ousadia, uma alma psicanalítica, na medida em que toda a sua obra se constitui como uma profunda investigação sobre a dimensão sensorial e emocional da mente humana.

Pessoa não quer ser psicanalisado por outros, mas deseja conhecer-se a si próprio e, nesse desígnio, é capaz de conter e identificar as suas emoções, é capaz de as simbolizar servindo-se de continentes ou contentores auxiliares (Amaral Dias & Fleming, 1998), os seus heterônimos.

Ao transformá-las em obra poética, Fernando Pessoa atribui sentido às sensações e emoções que desassossegam o seu mundo interno e, por aí, se tranquiliza e sonha.

Na minha perspectiva, em Pessoa, a sua identidade passou a confundir-se com o texto escrito (com as suas palavras tão amadas), e a sua existência obscureceu perante a luminosidade e a magnificência das suas palavras... e como as palavras não morrem, Fernando Pessoa está condenado a viver!

Fernando Pessoa in analysis – A psychoanalytic lecture of Pessoa’s work

Abstract: Fernando Pessoa’s work may be approached according to different vertexes. A psychoanalytic interpretation is herein proposed to explain the adoption of differently named authors for his poems and books (heteronimy): the choice reflects a defense mechanism against the risk of psychotic disintegration and a strategy of narcissistic reparation. The poem “Passagem das horas” (The passage of hours) is singled out as the key to understand the unlimited capacity of Pessoa to metaphor and symbolize human feelings and emotions.

Keywords: Fernando Pessoa; heteronimy; psychosis; narcissism; Passagem das Horas’s poem.

Fernando Pessoa en análisis – Una lectura psicoanalítica de la obra de Pessoa

Resumen: La obra de Fernando Pessoa puede ser abordada de acuerdo con vértices diferentes. Una interpretación psicoanalítica es aquí propuesta para explicar la adopción de nombres diferentes para el autor de sus poemas y libros (heteronimia): la elección refleja un mecanismo de defensa contra el riesgo de desintegración psicótica y una estrategia de reparación narcisista. El poema “Passagem das horas” (El paso de las horas) se destaca como la clave para entender la capacidad ilimitada de Pessoa a la metáfora y al símbolo de los sentimientos y emociones humanas.

Palabras clave: Fernando Pessoa; heteronímia; psicosis; narcisismo; poema “Passagem das Horas”.

Referências

- Amaral Dias, C., Fleming, M. (1998). *A psicanálise em tempo de mudança: contribuições teóricas a partir de Bion*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Fleming, M. (2003). *Dor sem nome: pensar o sofrimento*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Malpique, C. (2007). *Fernando em Pessoa: ensaios de reflexão psicanalítica*. Lisboa: Fenda Edições.
- Santos Jorge, M. (2007). *Fernando Pessoa être pluriel. Les hétéronymes*. Paris: L'Harmattan.
- Pessoa, F. (2011). *Livro do Desassossego*. Lisboa: Assírio & Alvim. (Trabalho originalmente publicado em 1982).
- Pessoa, F. (1986). *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Cavalcanti Filho, J. P. (2012). *Fernando Pessoa, uma quase-autobiografia*. Porto: Porto Editora.
- Simões, J. G. (1983). *Fernando Pessoa. Uma breve história da sua vida e da sua obra*. Lisboa: Difel.

Manuela Fleming
ICBAS - Universidade do Porto
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 228
4099 Porto
Portugal
manuelafleming@iol.pt